


INSTITUTO

Documentação
 AMBIENTAL
 Fonte: VEJA
 Data: 7/2/1996 Pg. 32-3
 Class.: B1

GOVERNO

Areia na privatização

Descoberta de ouro no Pará pode complicar o processo de venda da Vale do Rio Doce

EXPEDITO FILHO

Há no Brasil um movimento corporativo contra a privatização em geral. Há também um movimento, talvez mais aguerrido, contra a privatização da Companhia Vale do Rio Doce, em particular. Ela é a mais eficiente estatal brasileira, concorre no mundo inteiro com rivais em seu campo de atividade, a mineração, e tem reservas minerais fabulosas. Agora, há um motivo a mais para fortalecer a convicção daqueles que gostam de ver o Estado em atividade na produção. A Vale descobriu uma grande mina de ouro no sul do Pará. A divulgação da descoberta, na quinta-feira da semana passada, deixou no ar a suspeita de que a partir de agora o governo vai ter de reforçar suas baterias para levar adiante o processo de venda da estatal.

“Divulgar essa mina agora pode fortalecer a posição de quem é contra a privatização da Vale”, ponderou o ministro Raimundo Brito, das Minas e Energia, ao discutir com o presidente Fernando Henrique Cardoso as implicações da descoberta. “É muito bom que esse debate seja reaberto”, respondeu Fernando Henrique. No dia seguinte, em conversa com um amigo, o presidente deixou a impressão de que, se atraso houver, o governo não ficará nem um pouco preocupado. “Se a mina inviabilizar o negócio, tudo bem. Não há o menor problema em suspender a privatização da Vale”, disse FHC.

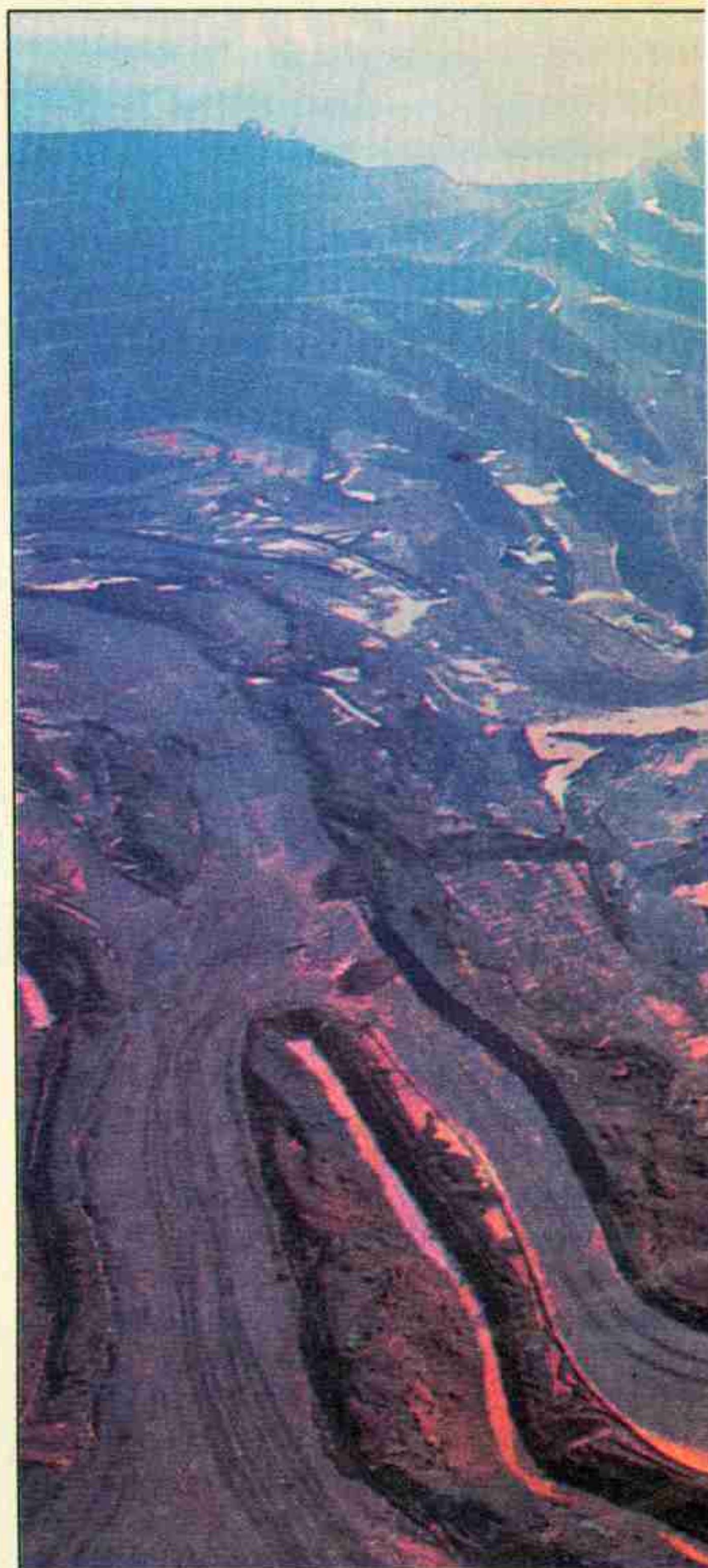
A direção da Vale do Rio Doce sabia do potencial da jazida paraense desde a última semana de dezembro e passou o mês de janeiro conferindo as informações. O ministro Brito foi informado no começo do ano. Como a divulgação da descoberta foi feita após o fechamento do mercado de ações, no final da tarde de quinta-feira, os investidores foram dormir agitados. No dia seguinte, em São Paulo, as ações da Vale amanheceram exibindo alta de 10%. Quem comprou papéis da companhia na véspera embolsou, numa manhã, metade do que as bolsas renderam em todo o mês de janeiro. Nada, dentro ou fora do Brasil, dá 10% de retorno num espaço tão curto de tempo. No fechamento do dia, as ações da Vale registraram alta de 6,6% em São Paulo e de 6,9% na Bolsa do Rio de Janeiro.

A jazida do Pará tem potencial para trans-

formar-se na maior mina da América Latina e na quinta do mundo. A maior mina de ouro da Vale, até agora, era a Igarapé Bahia, na Serra dos Carajás, também no Pará. De lá se tiram 10 toneladas por ano. Para a mineradora, a exploração de ouro é uma operação secundária. Em 1994, apenas 7% do seu faturamento veio dessa atividade. Descoberta pela Vale no município de Curionópolis, a nova mina tem uma reserva já identificada de 150 toneladas. Quando começar a ser explorada, pode aumentar em 20% a produção de ouro nacional, hoje de 63 toneladas por ano. Grande para os padrões brasileiros, a jazida paraense não é tão fabulosa quando analisada pelos critérios internacionais. A maior mina do mundo, que fica na África do Sul, tem uma reserva de 1 200 toneladas. Além do mais, a descoberta ocorre num momento em que o ouro está em queda livre. De 1989 para cá, o preço do grama perdeu mais de 70% do seu valor. Ainda assim, o governo já está achando que a descoberta da nova mina dificulta a venda de sua melhor empresa estatal. “No momento minha posição é pela privatização da Vale, mas a descoberta dessa mina é algo para pensar”, diz Raimundo Brito, das Minas e Energia.

PRESSÃO DO PFL — Ao divulgar a existência da mina, Fernando Henrique estava radiante. “Essa é uma notícia auspiciosa e muito positiva para o Brasil”, disse. As primeiras avaliações, feitas às pressas, indicavam que a mina do Pará aumentaria o valor da Vale do Rio Doce em cerca de 2 bilhões de dólares. Esse valor é uma simples multiplicação do tamanho da jazida, 150 toneladas, pela cotação do grama do ouro no mercado internacional. No mundo da mineração, a conta não passa de uma estimativa apressada e grosseira. A jazida pode até render mais do que 2 bilhões de dólares, mas provavelmente seu valor é menor. O que se sabe é que, como a jazida é subterrânea, o custo de montagem e de exploração da mina será alto. “Potencial é uma coisa e produção é outra”, diz Nélio Weiss, diretor da consultoria Coopers & Lybrand.

Segundo um ministro que há muito tempo conversa com Fernando Henrique



ESTUDO

Documentação

Fonte VESA

Data 7/2/96 Pg CONT

Class. 31



telefonia já está complicado. As companhias de energia também estão patinando no mesmo lugar, salvo alguns leilões de jóias menores da coroa de eletricidade. Agora, a Vale também parece prestes a engasgar. Estatal brasileira mais cobiçada no circuito internacional, a Vale do Rio Doce é a segunda maior mineradora do mundo. Ela controla quarenta empresas, fatura mais de 2 bilhões de dólares por ano e deveria ser levada a leilão até o início do ano que vem. "A descoberta dessa mina não altera em nada o processo de privatização. Só o preço, que poderá ser maior", diz o ministro do Planejamento, José Serra.

COBRE — A Vale atravessa um momento próspero. Pouco antes de anunciar a descoberta da mina de ouro, fechou uma associação com a empresa mineradora Morro Velho, que pertence ao grupo Angloamerica, o maior gigante do setor. Juntas, as empresas vão investir 1,5 bilhão de reais até o ano 2000 para explorar uma mina de cobre de Salobo, no Pará. É a maior mina de cobre do país, com uma reserva de 2 bilhões de toneladas. Até ela se esgotar, em trinta anos, pode permitir a extração de minério no valor de 13 bilhões de reais.

CLAUDIO ROSSI



Brito, das Minas e Energia, e Fernando Henrique: alta nas bolsas depois do anúncio

sobre privatização, o presidente só aceitou incluir a Vale no pacote de estatais vendáveis por pressão do PFL. Pessoalmente, diz o ministro, FHC não se entusiasma com a idéia de o governo desfazer-se de uma estatal rentável. A Vale está incluída na lista de privatização do governo, mas sua permanência pode ser revista em outubro. É que a reserva de 150 toneladas é apenas preliminar. Ela foi detectada depois que a Vale escavou 430 metros de profundidade. Até setembro, deve cavar outros 1 000 metros para ver se descobre mais ouro lá embaixo. Brito e FHC combinaram na reunião de quarta-feira que, terminada a prospecção, o governo fará uma reunião para decidir se a companhia permanece no programa de privatização ou sai dele.

É uma decisão capaz de mudar os rumos de um governo. Se a Vale sair da lista, o programa de privatização deixa de ser para valer, já que perde sua maior estrela. Com a

ANA ARAUJO

São notícias que melhoram a cotação de qualquer companhia. Até agora, ninguém sabe dizer ao certo por quanto a Vale poderia ser vendida. Só existem palpites, que, dependendo do critério, podem fluir de 11 bilhões a 22 bilhões de dólares. Para estabelecer um valor adequado, o governo contratou o serviço de um consórcio de empresas. Essa encomenda, que irá custar 3 milhões de dólares, está sendo executada pelos bancos Salomon Brothers e Robert Fleming e pela consultoria Ernest & Young. Depois de definir o preço, o governo precisa escolher a maneira certa de vender a companhia. Há quem defenda que seja leiloadada num bloco só, mas há quem queira vendê-la aos pedaços. Quem irá recomendar a melhor maneira de privatizar a Vale é um consórcio formado pelos bancos Merrill Lynch, Rothschild e Graphus, que vai faturar 10 milhões de dólares para dar o palpite. Pelo cronograma original, os dois trabalhos devem ser entregues até outubro, para que o governo possa dar início ao processo de licitação. Com a descoberta da mina, os planos podem mudar.